

# OS TABUS DE DECÊNCIA NA VARIAÇÃO *CORNO* E *CHIFRUDO*, EUFEMIZADOS E DISFEMIZADOS, NA FALA CEARENSE, A PARTIR DE DADOS DO ALIB

Cassio Murílio ALVES DE LAVOR<sup>1</sup>

Rakel Beserra de Macêdo VIANA<sup>2</sup>

Aluiza Alves de ARAÚJO<sup>3</sup>

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v20i1.3510>

**Resumo:** Amparados nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (Weinreich; Labov; Herzog, 2006; Labov, 2008), investigamos o uso do tabu linguístico *cornu* no estado do Ceará, a partir de dados do ALiB. Objetivamos identificar a variante mais produtiva e analisar o papel dos fatores extralinguísticos e linguísticos sobre a realização da variante *cornu* na amostra analisada, bem como investigar se esses fatores condicionam uma fala eufemizada na comunidade estudada. Testamos os fatores linguísticos *recurso linguístico* e *nº de variantes faladas*, e os fatores extralinguísticos *sexo*, *faixa etária* e *localidade*. O GoldVarb X selecionou a variável *nº de variantes faladas* como relevantes para a variante *cornu* e para o uso de eufemísticos, e a variável *sexo* como relevante apenas para o uso de eufemísticos. Concluímos que a variante *cornu*, 61,30%, é mais frequente que *chifrudo*, 38,70%, e que as comunidades pesquisadas não fazem uso de recurso linguístico para eufemizar a fala (33,30%), preferindo disfemizar (66,70%).

**Palavras-chave:** Cornu. Chifrudo. Tabu. Variação Linguística. Eufemizar. Disfemizar.

---

1 Universidade Estadual do Ceará (UEC), Fortaleza, Ceará, Brasil; [murilolavor\\_rh@hotmail.com](mailto:murilolavor_rh@hotmail.com); <https://orcid.org/0000-0002-5228-6042>

2 Universidade Estadual do Ceará (UEC), Fortaleza, Ceará, Brasil; [rakelbeserra@gmail.com](mailto:rakelbeserra@gmail.com); <https://orcid.org/0000-0001-6565-7730>

3 Universidade Estadual do Ceará (UEC), Fortaleza, Ceará, Brasil; [aluizazinha@hotmail.com](mailto:aluizazinha@hotmail.com); <https://orcid.org/0000-0003-2166-0852>

- | Os tabus de decência na variação *corno* e *chifrudo*, eufemizados e disfemizados, na fala cearense, a partir de dados do ALiB

## *THE TABOOS OF DECENCY IN THE CORNO AND CHIFRUDO VARIATION, EUPHEMIZED AND DYSPEMIZED, IN CEARÁ'S SPEECH, BASED ON ALIB DATA*

**Abstract:** Supported by the theoretical and methodological assumptions of Variationist Sociolinguistics (Weinreich; Labov; Herzog, 2006; Labov, 2008), we investigated the use of the linguistic taboo horn in the State of Ceará, based on ALiB data. We aimed to identify the most productive variant and analyze the role of extralinguistic and linguistic factors on the realization of the horn variant in the analyzed sample, as well as to investigate whether these factors condition euphemized speech in the studied community. We tested the linguistic factors linguistic resource and number of spoken variants, and the extralinguistic factors gender, age group and location. GoldVarb X selected the variable number of spoken variants as relevant for the horn variant and for the use of euphemistic, and the variable gender as relevant only for the use of euphemistic. We concluded that the horn variant, 61.30%, is more frequent than horned, 38.70%, and that the communities surveyed do not use linguistic resources to euphemize speech (33.30%), preferring to dysphemize (66.70 %).

**Keywords:** *Corno. Chifrudo. Taboo. Linguistic Variation. Euphemize. Desphemize.*

### **Introdução**

Entre os incontáveis fenômenos linguísticos que permeiam a oralidade cearense e em outras localidades do Brasil, voltamos nossa atenção para o fenômeno de concorrência entre variantes<sup>4</sup> consideradas tabus linguísticos, ou seja, palavras que compõem o léxico de uma comunidade e são marcadas por reações de mal-estar ou por um sentimento coletivo exercido a partir de comportamentos sociais, morais ou assuntos proibidos. Por conseguinte, partindo da concepção de que cada sociedade possui os seus padrões morais, entendemos que uma palavra considerada tabu para um grupo social não significa, necessariamente, que seja em outro. Além disso, uma palavra tabu pode ser investida, entendida e sentida, condicionada por variáveis sociais.

Logo, sob a perspectiva da Sociolinguística Variacionista (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov (2008 [1972])), esta pesquisa busca entendimentos sobre as variantes linguísticas selecionadas como respostas à pergunta 141 (... o marido que a mulher passa

---

4 O termo variante é usado para referir as diferentes maneiras de dizer a mesma coisa do ponto de vista da língua (LABOV, 2008).

para trás com outro homem?) do Questionário Semântico Lexical – QSL<sup>5</sup> – um dos tipos de questionários do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB<sup>6</sup>. Esta pesquisa propõe: identificar a variante mais produtiva; analisar o papel dos fatores linguísticos (*recurso linguístico e N<sup>o</sup> de variantes informadas*) e extralinguísticos (*sexo, faixa etária, localidade*) sobre a realização da variante *cornu* na amostra analisada; investigar se esses fatores condicionam uma fala eufemizada<sup>7</sup> na comunidade estudada, em detrimento de uma fala disfemizada<sup>8</sup>.

Dito isto, cabe pontuar que, para a realização deste estudo, levantamos algumas questões iniciais: i) qual variante (*cornu, chifrudo e outras formas*<sup>9</sup>) é mais frequente na amostra analisada?; ii) a resposta à questão 141 se apresenta de maneira eufemizada ou disfemizada na fala?; iii) quais fatores extralinguísticos (*sexo, faixa etária, localidade*) e linguísticos (*recurso linguístico e n<sup>o</sup> de variantes faladas*) são relevantes para o uso do termo *cornu* e influenciam o uso do recurso para eufemizar?

Concernente às hipóteses iniciais, defendemos que: 1) a variante *cornu* é a mais frequente na amostra analisada; 2) os homens favorecem o uso de *cornu*, ao contrário das mulheres que beneficiam *chifrudo*; 3) a *faixa etária II* favorece o termo *cornu*, enquanto a *faixa etária I* o inibe; 4) a localidade beneficia o termo *cornu*; 5) a variável *N<sup>o</sup> de variantes mencionadas* favorece o termo *cornu* e o uso de termos eufemizados; 6) o *recurso linguístico* privilegia o uso da variante *cornu*; 7) a amostra pesquisada usa de recurso linguístico para eufemizar as palavras tabus; 9) as mulheres eufemizam o tabu linguístico, enquanto os homens disfemizam; 10) A faixa etária II eufemiza a palavra tabu, enquanto a faixa etária I disfemiza.

Referente à revisão da literatura, optamos por não apresentarmos uma seção com os trabalhos encontrados (Monteiro, 2002; Almeida, 2007; Araújo, 2008; Vilaça, 2009; Guedalha, 2011; Benke, 2012; Santos; Paim, 2015), pois concluímos que, apesar de esse

---

5 Esse questionário (QSL) é dividido em 14 áreas semânticas: acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempo, atividades agropastoris, fauna, corpo humano, ciclos da vida, convívio e comportamento social, religião e crenças, jogos e diversões infantis, habitação, alimentação e cozinha, vestuário e acessórios e vida urbana (BENKE, 2012).

6 “[...] constitui-se na primeira tentativa, em nível nacional, de descrição do português brasileiro com base em dados coletados, *in loco*, nas diversas regiões geográficas, a partir da investigação em uma rede de pontos que se estende do Oiapoque (ponto 001) ao Chui (ponto 250)” (Cardoso; Mota, 2012, p. 855).

7 “As concepções de eufemismo nos diferentes dicionários centram-se no objetivo da substituição de palavras, as quais poderiam tocar em algum assunto ou aspecto tabu e causar um efeito ou reação desagradáveis nos interlocutores” (Xiao, 2015, p. 7).

8 Disfemismo: “Palavra ou expressão directa e crua, geralmente grosseira e ofensiva, usada em vez de outra simpática, neutra, directa...”, o contrário, pois, de eufemismo (Xiao, 2015, p. 8).

9 Outras formas é um amalgamento para as demais variantes localizadas na amostra (touro, galheiro, boi, traído e tolo) consideradas eufemizadas neste trabalho.

- | Os tabus de decência na variação *cornu* e *chifrudo*, eufemizados e disfemizados, na fala cearense, a partir de dados do ALiB

ser um fenômeno bastante estudado, apenas um dos trabalhos localizados, o de Benke (2012), usa os pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista, mas não trabalha com os mesmos objetivos aqui empregados. Então, consideramos que todos esses trabalhos se tornam inviáveis na contraposição ou confirmação dos resultados aqui encontrados, assim como justificam a importância desta pesquisa para os estudos variacionistas.

Logo, optamos por dividir esta pesquisa em uma parte introdutória, onde apresentamos os objetivos, os questionamentos e as hipóteses; em seguida, apresentamos uma seção, dividida em subseções, em que definimos os pressupostos teóricos; outra destinada à metodologia aplicada e do caráter da pesquisa. Encerramos com a discussão e apresentação dos resultados estatísticos, em gráficos e tabelas, oferecidos pelo programa computacional utilizado, e finalizamos com nossas considerações finais.

## Fundamentação teórica

Para melhor compreensão, dividimos esta seção em subseções nas quais apresentamos alguns conceitos encontrados para os temas abordados.

### Tabu

O termo *tabu* está quase sempre associado aos trabalhos de Freud dentro da área da psicanálise, mas, no entanto, a presença do objeto tido como tabu antecede aos trabalhos do pai da psicanálise, retomando o séc. XVIII, quando é apresentado à sociedade ocidental a partir das experiências do navegador James Cook, que percebeu a preocupação dos nativos das Ilhas Tonga acerca de situações que desafiavam o que eles consideravam sagrado-proibido, segundo Monique Augras (1989, p. 13). Ainda quanto à origem do tabu, Wundt (1906, *apud* Freud, 1969) o considera como “o código de leis não escrito mais antigo do homem. [...] o tabu é mais antigo que os deuses e remonta a um período anterior à existência de qualquer espécie de religião” (Wundt, 1906, *apud* Freud, 1969, p. 37).

Em suma, Freud (1969) considerava o tabu como a base da idolatria e, portanto, inviolável, pois a sua violação provocaria um castigo divino, uma maldição. Ademais, o tabu expressaria um sentimento coletivo sobre um determinado comportamento ou assunto. Ainda, para Freud (1969, p. 26),

[...] o significado de “tabu” se divide, para nós, em duas direções opostas. Por um lado, quer dizer “santo, consagrado”; por outro, “inquietante, perigoso, proibido, impuro”. O contrário de “tabu”, em polinésio, é *noa*, ou seja, “habitual, acessível a todos”.

No que concerne ao sagrado-proibido, por sua vez, podemos interpretá-lo como uma evocação de superstições e crenças, como também, o medo de pronunciar, tocar e pensar o nome daquela coisa tida como sagrada e, por isso, proibida.

Dessa forma, existem objetos tabus, que não devem ser tocados; lugares tabus, que não devem ser pisados ou apenas que não se deve avizinhar; ações tabus, que não devem ser praticadas; e palavras tabus, que não devem ser proferidas. De acordo com Freud (2013, p. 20), “a violação de um tabu transforma o próprio transgressor em tabu [...], certos perigos provocados pela violação podem ser evitados por atos de expiação e purificação”.

Entendemos que “o tabu vem a ser a abstenção ou proibição de pegar, matar, comer, ver, dizer qualquer coisa sagrada ou temida e cometendo-se tais atos, ficam sujeitos a desgraças a coletividade, a família ou o indivíduo” (Guérios, 1979, p. 1).

Entre as muitas acepções para o termo tabu, há os tabus linguísticos, objeto de estudo desta pesquisa e que definimos na subseção seguinte.

### **Tabu linguístico**

Ao tratarmos de termos que são considerados tabus na língua de uma comunidade, estamos tratando do léxico, entendido como “a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades” (Biderman, 1978, p. 80; 139). Entendemos, ainda, a partir dos relatos e definições históricas, que alguns termos tabus podem ser considerados um problema social, constituído e difundido, ao longo dos tempos e de geração a geração, pelas relações sociais, nas quais as crenças, os costumes, os hábitos e as experiências funcionam como uma matriz de perpetuação.

Logo, entendemos que “a sociedade não é simplesmente uma coisa, mas uma construção do pensamento”, e que “as relações sociais envolvem crenças, valores e expectativas, tanto quanto a interação no espaço e no tempo” (Rodrigues, 1983, p. 29). Assim, ao tratarmos de uma relação entre os tabus sociais e o comportamento linguístico, estamos adentrando o âmbito da sociolinguística, como bem entendeu Lyons (1981).

Diferente da antropologia e da psicanálise, o termo tabu é trabalhado na Sociolinguística como tabu linguístico, termo cunhado por Antoine Meillet por volta de

- | Os tabus de decência na variação *cornu* e *chifrudo*, eufemizados e disfemizados, na fala cearense, a partir de dados do ALiB

1906, quando propôs uma classificação para os termos lexicais que causavam repúdio ou desconforto na sociedade em Paris (Guérios, 1979, p. 5). Assim, a linguística defende que as palavras carregadas com um estigma negativo, palavras tabus, representam a imposição de uma proibição de dizer certas palavras que representam coisas ou pessoas marcadas negativamente.

Para Coseriu (1987, p. 71), o tabu linguístico representa “apenas um aspecto de um fenômeno mais amplo, que é a interdição de vocabulário” e que isso se deve “também a várias outras razões de índole emotiva ou social; razões de educação, cortesia, boas maneiras, decência, amabilidade, etc.”.

Ainda, de acordo com Ullmann (1964), os tabus linguísticos podem ser classificados em: de superstição (voltado para a religiosidade, como a palavra inferno); de delicadeza (voltado para enfermidades e situações delicadas, como a palavra câncer); de decência (voltados para imoralidade e termos pejorativos, como caralho e rapariga).

Entendemos, então, que algumas palavras carregam uma força semântica capaz de marcar um indivíduo ou grupo e que essas palavras, consideradas tabus, são difundidas, a partir da fala, de geração a geração. No entanto, essa força semântica pode ser atenuada, ou agravada a partir do uso de recurso linguístico que permite eufemizar ou disfemizar, como apresentamos na próxima subseção.

## Eufemismo

Para Xiao (2015, p. 6), assim como as línguas são dinâmicas, os eufemismos e disfemismos também o são; eles acompanham, assim como as línguas, todo o dinamismo advindo com a história, logo, “as formas de suavizar ou, pelo contrário, denegrir e ridicularizar a realidade informam todo um contexto social, econômico, cultural e político” (Xiao, 2015, p. 6). Entendemos, assim como Azeredo (2010, p. 500), que a escolha de um termo eufemístico ou disfemístico na fala está associada a um “engajamento lexical” e a escolha de um dos termos desse fenômeno linguístico “enquadra o enunciador em um determinado contexto situacional pelas vias da linguagem” (Azeredo, 2010, p. 500).

De acordo com Veschi (2020), o termo eufemismo tem referência no latim como *euphemismus*, com base no grego em *euphēmismós*, constituído por eu, que se refere à ideia de um comportamento bom ou correto, na base do indo-europeu *es-*, por ser acompanhado pelo componente *-phēm*, por *phēme*, entendido como palavra ou expressão, associado ao verbo *phanai*, para falar, com raiz no indo-europeu *bha-*, para dizer, e completada pelo sufixo *-ismo*, representando o agente do latim *-ismo* assim como

do grego -ismós, atribuindo atitude à palavra. Para Luft (2005, p. 358), eufemismo é uma expressão atenuadora ou indireta de ideia desagradável, grosseira ou indecente.

Em uma pesquisa gramatical – Rocha Lima (1962), Cegalla (2008) e Azeredo (2010) – percebemos que o termo eufemismo aparece na seção da estilística como uma figura de pensamento.

### **Disfemismo**

Já o termo Disfemismo, de acordo com Daniela Otsuka (2010), vem da palavra grega *Dysphemia* que significa “mau agouro”, palavras más, de desgraça. Considerado o oposto do eufemismo, o disfemismo é uma figura de linguagem que consiste no emprego de expressões ou termos rudes, sarcásticos, provocativos e humilhantes que são usados para definir pessoas ou situações. No entanto, esse perde seu sentido depreciativo quando o contexto da mensagem é humorístico, como nas piadas de humor.

No *Dicionário Houaiss do Português Atual*, de Antônio Houaiss (2009), a definição do termo disfemismo subdivide-se em duas acepções mais desenvolvidas: 1. Emprego de palavra ou expressão depreciativa, ridícula, sarcástica ou chula, em lugar de outra palavra ou expressão neutra (p. ex.: ficar puto por ficar com raiva). 2. Palavra ou expressão agressiva, blasfema ou pejorativa (p. ex.: *poetastro*, *politicoide*). Já a *Gramática Houaiss* (Houaiss, 2008, p. 500) faz considerações ao termo disfemismo, definindo-o como “uso de palavra ou expressão considerada grosseira, grotesca, nauseante ou simplesmente desagradável em lugar de outra mais branda ou neutra”.

Então, ancorado nos conceitos apresentados, entendemos que os termos usados para eufemizar ou disfemizar são processos que se contrapõem, mas que representam uma mesma realidade advinda do proibido ou tabu, ou seja, o eufemismo e o disfemismo divergem a partir de uma mesma base e origem, os tabus linguísticos. Logo, um mesmo assunto delicado pode vir a provocar tanto substitutos eufemísticos como disfemísticos, a depender da intenção do locutor.

### **Sociolinguística Variacionista**

Defendemos que há uma relação entre os tabus observados na sociedade e o comportamento linguístico dessa, sendo necessário, portanto, enquadrá-los ou situá-los sob a perspectiva da Sociolinguística Variacionista. Essa, por seu turno, é uma das áreas da Linguística que despontou como ciência na década de sessenta a partir dos estudos empíricos do linguista americano William Labov, que, ao considerar o caráter social da

- | Os tabus de decência na variação *cornu* e *chifrudo*, eufemizados e disfemizados, na fala cearense, a partir de dados do ALiB

língua, passou a investigá-la em seu real contexto de uso, levando em conta as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística.

Ao considerar o caráter social da língua, Labov destoa do pensamento vigente da época, encabeçado por Sausurre, com o estruturalismo, e Chomsky, com o gerativismo. Tanto esse quanto aquele defendeu a homogeneidade necessária do objeto linguístico, ignorando a heterogeneidade e considerando a fala como caótica e desmotivada (Figueroa, 1994, p. 77-78). No entanto, William Labov investe no caráter heterogêneo da linguagem, que, para ele, é um instrumento de comunicação heterogêneo e variável e, portanto, precisa ser analisada considerando-se, além dos aspectos fonológicos, lexicais, semânticos e estruturais, a influência que os fatores sociais podem exercer sobre ela. Assim, Labov (2008, p. 259) defende um estudo empírico da língua onde se considera as comunidades de fala<sup>10</sup>.

O caráter heterogêneo defendido por Labov (2008), ao referir-se à variação linguística, diz respeito a uma variação que pode ser sistematicamente explicada, ou seja, a covariação ou modos alternativos de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto de uso, ou possuidores de um mesmo significado referencial (Labov, 2008, p. 78).

Logo, o modelo teórico-metodológico proposto por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) e Labov (2008 [1972]), de caráter variacionista, procura ordenar a heterogeneidade considerando que toda variação na fala é inerente ao sistema linguístico, e essa é ordenada e regular, portanto, passível de ser explicada e descrita, relacionando-as aos contextos sociais e linguísticos, conforme Labov (2008).

A partir das concepções de Labov, várias outras pesquisas de cunho variacionista foram difundidas no cenário mundial e continuam a ser cada vez mais presentes, atestando que variação e mudança são fatores inerentes às línguas e contribuem para uma descrição mais real e fidedigna dos usos que delas são feitos pelos falantes.

Na próxima seção, tratamos da metodologia aplicada na construção desta pesquisa.

## Percurso metodológico

Esta pesquisa busca respostas para a concorrência dos termos *cornu* e *chifrudo*, defendidos como tabus linguísticos, controlados a partir das variáveis linguísticas, *recurso*

---

<sup>10</sup> A comunidade de fala é tida, para a Sociolinguística Quantitativa, como o *locus* da análise do fenômeno linguístico. Suas fronteiras são definidas por (i) atitudes e valores sociais compartilhados pelos falantes em relação à língua e (ii) regras gramaticais compartilhadas pelo grupo (Labov, 2008, p. 19).

*linguístico e nº de variantes faladas*, e das variáveis extralinguísticas, *sexo, faixa etária, localidade*, o que nos permite descrevermos quais desses fatores favorecem ou inibem o uso do termo *cornos* e qual variável é mais frequente na amostra analisada. Além disso, buscamos descrever a fala da comunidade, a partir do uso do recurso linguístico para eufemizar ou disfemizar, apresentando qual grupo de fatores favorece o uso do termo eufemístico.

Logo, defendemos que este estudo, quanto a sua abordagem, é de caráter qualitativo e quantitativo e quanto a seu objetivo é de caráter descritivo.

Quanto ao caráter quantitativo, esse é defendido em virtude de entendermos que esse tipo de pesquisa considera o que “pode ser quantificável, o que significa traduzir em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 69). E o caráter qualitativo porque “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes”, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo, 2007). No que concerne ao objetivo descritivo, entendemos que esta pesquisa “visa descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 52).

Definidos o caráter e o objetivo, passamos à seleção do *corpus* com o qual trabalhamos e, para isso, decidimos selecionar as respostas dadas à questão 141 (...o marido que a mulher passa para trás com outro homem?) do QSL, um dos questionários das entrevistas do projeto ALiB.

Assim, formamos um *corpus* constituído por 48 entrevistas, 24 com pessoas do *sexo masculino* e 24 do *sexo feminino*, pertencentes à faixa etária I (18 a 30 anos) e faixa etária II (45 a 60 anos), com nível de escolaridade até a 4ª série primária e moradores de 12 localidades do estado do Ceará (Camocim, Canindé, Crateús, Crato, Fortaleza, Iguatu, Ipu, Limoeiro do Norte, Quixeramobim, Russas, Sobral e Tauá).

Selecionamos as entrevistas, ouvimo-las e registramos as ocorrências, um total de 74, para o fenômeno estudado e transcrevemo-las, adotando o modelo proposto por Marcuschi (1986, p. 10-13).

Isso posto, selecionamos uma amostra homogênea e estratificada, bem como formulamos nosso envelope de variação, esses constituído pelas seguintes variáveis extralinguísticas, a saber: *sexo, faixa etária e localidade*, que também foram controladas no ALiB, e pelas variáveis *nº de variantes usadas e recurso linguístico*.

- | Os tabus de decência na variação *cornu* e *chifrudo*, eufemizados e disfemizados, na fala cearense, a partir de dados do ALiB

Quanto à variável *recurso linguístico*, decidimos que ela será definida pela primeira resposta dada à pergunta feita pelo pesquisador. Então, mesmo que o informante use diversas variantes como resposta, usamos a primeira resposta dada como marcadora de uma fala *eufemizada* ou *disfemizada*, como exemplo, dispomos no excerto 1, extraído de nossa amostra.

(01) Pesquisador: ...olha e o maridu que a mulher passa (retoma) e o marido que a mulher passa pra trás com outro home é o quê?

**Informante: (+) o maridu...? (interrompido por P)**

Pesquisador: ...que' é enganado pela mulher

**Informante: chifrudo ((baixa o tom de voz))?**

Pesquisador: isso ((baixa o tom de voz)) tem outro nome?

**Informante: "Cornu" ((altera o tom de voz)) ((ri))**

Pesquisador: ((ri))

**Informante: ((ri)) (ALiB, QSL 141, INF. O3903)<sup>11</sup>**

Como podemos perceber, o entrevistado dá uma resposta para a pergunta feita, o que poderia satisfazer o pesquisador, mas esse insiste em mais respostas, pois um dos objetivos do pesquisador do ALiB é obter o maior número possível de palavras que compõem o léxico da comunidade. Isso nos leva a entender que a fala, quanto ao recurso para eufemizar ou disfemizar, foi determinada na primeira resposta, pois o informante pode não conhecer ou não fazer uso de outras formas, constatado em alguns casos, como no excerto 2.

(02) Pesquisador: ...como é que se chama o marido da mulher que é passado pra trás por outro homem

**Informante: (+)(+)cornu ((baixa o tom de voz))**

Pesquisador: [fale mais alto ((baixa o tom de voz)) (+)(+) o que mais? ((baixa o tom de voz)) (+) tem outro nome? (rápido)

**Informante: (+)(+)(+) (não responde)**

Pesquisador: conhece' outo nome'?

**Informante: (+)(+)(+) (não responde) (ALiB, QSL 141, INF. 04303)**

---

<sup>11</sup> ALiB é o banco de dados; QSL, o tipo de registro da fala; INF é o informante cuja fala foi transcrita; N<sup>o</sup> é a numeração da entrevista, em que o primeiro número, 03, é a localidade e o 903 o número do entrevistado, nesse caso homem da faixa etária II.

O excerto 2, retirado de nossa amostra, apresenta um entrevistado que definiu sua resposta com apenas uma variante, mesmo sendo estimulado a dar mais resposta para a questão 141.

Para atendermos aos objetivos desta pesquisa, ela foi dividida em duas partes, uma em que apresentamos os resultados para a variação entre os termos *cornu*, *chifrudo* e *outras variantes*; e outra na qual apresentamos os resultados para o uso de uma fala eufemizada ou disfemizada, usando a variável *recurso linguístico* como variável dependente, com os fatores *eufemizar* e *disfemizar*.

Primeiro fizemos rodadas ternárias (*chifrudo*, *cornu* e *outras variantes*), procurando entendimento sobre a frequência total dos termos em concorrência. Em seguida, realizamos rodadas binárias com as variantes *cornu* e *chifrudo*, desta vez usando a variante *cornu* como aplicação da regra variável<sup>12</sup>. Após as rodadas que nos possibilitaram apresentar as frequências de uso dos termos em concorrência, assim como os pesos relativos<sup>13</sup> e os grupos favorecedores das variantes *cornu* e *chifrudo*, executamos rodadas que definiram a fala como eufemizada ou disfemizada, usando para isso o fator *eufemizar* como aplicação da regra.

Assim, após formarmos um envelope de variação e codificarmos todas as ocorrências, submetemo-las ao programa computacional GoldVarb X<sup>14</sup> (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005) que nos oferece resultados estatísticos sobre a frequência de uso de cada variante e o Peso Relativo dos fatores selecionados como relevantes na aplicação da regra. Esse peso relativo de um fator nos “indica o efeito deste fator sobre o uso da variante investigada”, conforme Guy e Zilles (2007, p. 239).

Os resultados estatísticos, como a frequência de uso e Peso Relativo, foram apresentados em gráficos e tabelas e analisados à luz dos conhecimentos oferecidos pela Sociolinguística Variacionista, que possibilitou uma discussão sobre o tema tabu linguístico. A seguir, apresentamos e discutimos os resultados oferecidos pelo programa computacional.

---

12 Em uma análise feita pelo programa Varbrul, “o pesquisador deve escolher qual variante será tratada como *aplicação da regra* e, ao realizar a rodada dos dados, deve informar ao programa o respectivo código dessa variante” (Guy; Zilles, 2007, p. 229).

13 Peso Relativo das variáveis, em que  $PR < 0,5$ ;  $PR = 0,5$  e  $PR > 0,5$  indica, respectivamente, desfavorecimento, neutralidade e favorecimento de um fator postulado em uma determinada variável sobre a variante escolhida como aplicação da regra, ou seja, acima de 0,50 é considerado favorecedor e abaixo de 0,50 é desfavorecedor, já quando for exatamente 0,50 é considerado neutro (Guy; Zilles, 2007).

14 GoldVarb é uma versão para ambiente Windows do pacote de programas VarbRul – do inglês Variable Rules Analysis, “é um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística” (Guy; Zilles, 2007, p. 105). Mais informações em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>. Acesso em: 12 abr. 2021.

- | Os tabus de decência na variação *cornos* e *chifrudo*, eufemizados e disfemizados, na fala cearense, a partir de dados do ALiB

## Apresentação e discussão dos resultados estatísticos

Esta seção está dividida em subseções de acordo com as rodadas.

### Resultados para a questão 141: “o marido que a mulher passa para trás com outro homem?”

De acordo com Xiao (2015, p. 58-59), na tradição chinesa, os adjetivos que remetem ao homem traído ou enganado são eufemísticos, pois o termo disfemístico, sempre ligado a prostituir-se, recai sobre a mulher, responsável pelo homem receber o adjetivo ou substantivo *cornudo*, literalmente ligado ao covarde. Parece-nos que, historicamente, as sociedades preferem relacionar a ação de trair com prostituir, como percebemos em Silva (1813, p. 138) que já registrava para *cornos* a acepção de “o homem cuja mulher se prostitúe; e se diz por-lhe os cornos, por deshonrá-lo”.

Ainda sobre a origem do termo na cultura chinesa, Xiao (2015) explica que marido traído ou enganado faz referência a uma personagem do antigo teatro chinês, um homem muito pobre e ambicioso que deixa a mulher cuidando da casa e dos filhos para tentar ganhar fortuna trabalhando para o rei, mas, após atingir seus objetivos, ele esquece a promessa de retornar e buscar sua esposa, casando-se com outra de origem nobre, deixando, assim, a antiga família sob sigilo, ou seja, trata-se de homem ingrato, ambicioso e mentiroso, adjetivos que são, hoje, atribuídos à mulher, não ao homem que pratica a ação de trair a esposa.

Na atualidade, na cultura ocidental, o termo *cornos* é usado para ofender, ou criar humor, mas, para esta pesquisa, entendemo-lo como pejorativo, portanto, disfemístico. De acordo com Benke (2012), em uma pesquisa em todas as capitais do Brasil, usando os dados do ALiB, foram encontradas “34<sup>15</sup> formas designadas ao homem traído” (Benke, 2012, p. 15), já nas comunidades aqui pesquisadas, encontramos apenas 7<sup>16</sup>. Ainda, segundo Benke (2012), no Nordeste do Brasil, região onde se localizam as cidades controladas nesta pesquisa, as cinco designações mais produtivas para a questão 141 são: *cornos* (43,24%), *chifrudo* (27,03%), *traído/marido traído* (9,83), *galhudo* (4,05%), *boi* (1,35%).

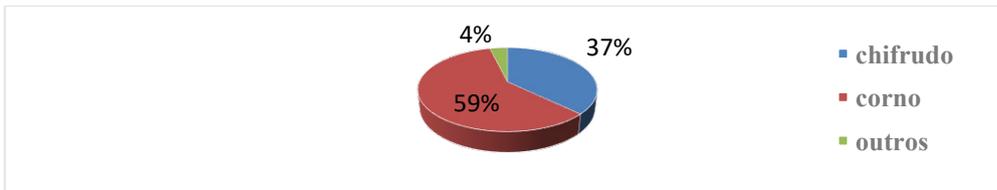
---

15 Babaca, boi, bundão, cangalha, chapéu, cheio de ponta, chifrudo, coitado, cornélio, cornos, corno cebola, corno cururu, corno de biqueira, corno de goteira/corno goteira, corno lagartixa, corno manso, corno na marra, corno pontual, corno velho, cornudo, enganado/marido enganado, frouxo, galheiro, galhudo, guampudo, levar galha, levar ponta, mole, otário, estar com galho na cabeça, ter galho, touro, traído/marido traído e trouxa.

16 Corno, chifrudo, touro, galheiro, boi, traído e tolo.

Situado o termo tabu *cornu*, passamos aos resultados: em uma primeira rodada, ternária (*chifrudo*, *cornu*, *outras*), o programa GoldVarb X apresentou 78 ocorrências totais, 29 para *chifrudo*, 46 para *cornu* e 3 para *outras formas* concorrentes, vejamos as frequências no gráfico 1.

**Gráfico 1.** Frequências obtidas para a questão 141 em rodada ternária



**Fonte:** Elaboração própria

Na rodada ternária, observamos que a variante mais frequente é a disfemizada *cornu*, com 59,00% das ocorrências totais, em detrimento das demais. Em seguida, aparece a forma eufemizada *chifrudo*, com 37,20% e *outras formas*, com apenas 3,80%. Esses resultados estatísticos demonstram que, na amostra examinada, a variante disfemizada *cornu* é usada com mais frequência, em detrimento das formas eufemizadas, que apresentam 3,80 (*outras formas*) + 37,20 (*chifrudo*) = 41,00%.

Os resultados estatísticos apresentados nos permitem dizer que a hipótese de que “a variante *cornu* será usada com mais frequência na amostra analisada” foi confirmada.

Após esse entendimento inicial de que a variante *cornu* é a mais produtiva na amostra analisada, levando-se em consideração todas as variantes registradas na amostra da pesquisa, decidimos fazer rodadas binárias, apenas com as duas variantes com maior frequência, *cornu* e *chifrudo*, usando a variante *cornu* como valor de aplicação, objetivando números estatísticos que apontem os grupos de fatores favorecedores do uso da variante *cornu* na amostra analisada.

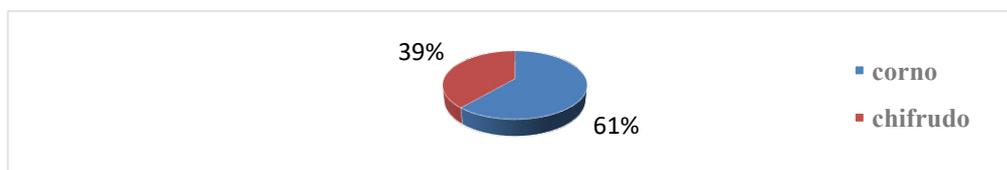
Então, feita a rodada binária, o programa detectou a presença de 2 *nocautes*<sup>17</sup>, 1 no grupo de fatores localidade, na cidade de *Limoeiro do Norte*, com 100% das ocorrências (4) para a variante disfemizada *cornu*; 1 *nocaute* no grupo de fatores *Nº de variantes usadas*, com apenas uma ocorrência no fator *+ de três* para a forma eufemizada *chifrudo*.

Isolamos os nocautes, preservando as ocorrências totais, então, o programa estatístico apresentou um total de 75 ocorrências, 46 para a variante *cornu* e 29 para a variante *chifrudo*, como apresentado no gráfico 2.

<sup>17</sup> Nocaute ou *knockOut* é uma terminologia de análise do GoldVarb X usada em todos os programas da série Varbrul, “que, num dado momento da análise, corresponde a uma frequência de 0% ou 100% para um dos valores da variável dependente” (Guy; Zilles, 2007, p. 158).

- | Os tabus de decência na variação *cornu* e *chifrudo*, eufemizados e disfemizados, na fala cearense, a partir de dados do ALiB

**Gráfico 2.** Frequências obtidas para a questão 141 em rodada binária



**Fonte:** Elaboração própria

Os dados estatísticos presentes no gráfico 2 demonstram que, na comunidade pesquisada, a frequência obtida para a variante *cornu* é de 61,30%, enquanto a frequência de uso da variante *chifrudo* corresponde a 38,70%. Logo, esses resultados estatísticos corroboram a hipótese de que “a variante *cornu* é mais frequente que *chifrudo* na amostra analisada”.

A frequência de uso da variante disfemizada *cornu* nos permite inferir sobre a forma sexista como os entrevistados, que possuem apenas até a 4ª série primária, se relacionam com o tabu linguístico que define o marido que foi traído, pois, em consonância Xiao (2015, p. 59), quando ele diz que “[...] os atos de uma mulher que levavam o marido a merecer o adjetivo ou substantivo *cornudo* teriam sempre algo a ver com prostituir-se [...]”, os dados analisados sugerem que pode haver, nesses resultados, uma situação marcada pelo machismo, algo que se perpetua ao longo da história brasileira, uma vez que a carga semântica da palavra tabu *cornu* passa a atingir a mulher, não o homem, pois é ela a causadora da situação. Porém, o mesmo não ocorre quando o homem trai sua esposa, ou namorada, uma vez que não existe um correspondente disfemizado para essa situação, havendo apenas termos eufemizados, como mulher abandonada, mulher enganada, mulher traída, entre outros.

No melhor nível de análise, *input*<sup>18</sup> 0,668 e *significance*<sup>19</sup> 0,004, o programa selecionou apenas o grupo de fatores *Nº de variantes usadas* como relevante, apresentando o fator *uma vez* como favorecedor da variante *cornu*. Os demais grupos controlados não foram selecionados.

Vejamos a tabela 1.

18 Representa o nível geral de uso de determinado valor da variável dependente (Guy; Zilles, 2007, p. 238).

19 É a margem de erro de uma pesquisa que é de 5%. Este valor nos indica o grau de confiabilidade dos resultados. Se o valor for acima de 5% significa que os resultados não são confiáveis (Guy; Zilles, 2007, p. 238).

**Tabela 1.** Atuação da variável *Nº de variantes mencionadas sobre corno* na amostra analisada

Fator	Aplica/Total	%	Peso relativo
Uma vez	16/17	94,10%	0,886
Duas vezes	27/51	52,90%	0,354
Três vezes	2/5	40,00%	0,328

*Input 0,668**significance 0,004***Fonte:** Elaboração própria

Os resultados estatísticos demonstram que, entre os fatores controlados, apenas quando o entrevistado usa só *uma variante* (PR 0,886 e frequência de 94,10%), para responder à questão 141, favorece o uso do termo disfemizado *corno*, logo, se o informante usar mais de uma variante, como *corno*, *chifrudo*, *boi*, *traído*, *galheiro* e *tolo*, possivelmente ele terá usado primeiro um termo eufemizado para, em seguida, usar o disfemizado.

Deduz-se, então, que quando o entrevistado dá apenas uma resposta para a pergunta feita, o termo *chifrudo* possui um PR de 0,114, mas, quando o entrevistado apresenta três variantes para responder a essa mesma pergunta possui PR 0,672, assim, o termo *chifrudo* é favorecido em detrimento do termo *corno*; o mesmo podemos falar a respeito de quando o informante apresenta duas respostas. Logo, há uma proporcionalidade entre o número de variantes mencionadas e o uso das variantes *corno* e *chifrudo*. Esses resultados estatísticos confirmam a hipótese de que “a variável *Nº de variantes mencionadas* favorece o uso do termo *corno*”.

Mesmo que as variáveis *sexo* e *faixa etária* não tenham sido selecionadas como relevantes para o uso da variante *corno*, nós optamos por apresentar apenas as frequências de uso e, com isso, justificar as hipóteses.

Vejamos as tabelas 2 e 3, em que apresentamos as frequências de uso para os grupos de fatores.

**Tabela 2.** Atuação da variável *sexo* sobre a variante *corno*

Fator	Aplica/Total	%
Homem	22/34	64,70%
Mulher	23/40	57,50%

**Fonte:** Elaboração própria

As frequências apresentadas na tabela 2 demonstram que os homens, com 64,70%, usam com mais frequência a variante *corno* em comparação com as mulheres, 57,50%. Esses

- | Os tabus de decência na variação *cornu* e *chifrudo*, eufemizados e disfemizados, na fala cearense, a partir de dados do ALiB

números corroboram em parte a hipótese de que “os homens usam mais frequentemente o termo *cornu* e as mulheres o termo *chifrudo*”, pois ambos usam mais a forma *cornu*.

**Tabela 3.** Atuação da variável *faixa etária* sobre a variante *cornu*

Fator	Aplica/Total	%
Faixa etária I	24/38	63,20%
Faixa etária II	21/36	58,30%

Fonte: Elaboração própria

As frequências apresentadas na tabela 3 demonstram que a *faixa etária I* usa com mais frequência, 63,20%, a variante *cornu*, em comparação com a *faixa etária II*, com 58,30%. Esses resultados estatísticos refutam a hipótese de que “a *faixa etária II* usa mais o termo *cornu* enquanto a *faixa etária I* usa mais o termo *chifrudo*”, pois as duas faixas etárias usam mais o termo *cornu*.

A seguir, apresentamos os resultados de uma rodada na qual usamos a variável *recurso linguístico* como variável dependente. Isso é justificado no interesse em apontarmos os grupos de fatores que favorecem uma fala mais eufemizada em detrimento de uma disfemizada na comunidade pesquisada.

### Resultados para a rodada, usando o grupo *recurso linguístico* como variável dependente

Para uma rodada binária, *eufemismo* e *disfemismo*, usando o fator *eufemismo* como aplicação da regra, o programa computacional apresentou 5 nocautes, 4 no grupo de fatores *localidade* (1 no *Crato*, com 100% das ocorrências, 7, para o recurso disfemizado; 1 em *Limoeiro do Norte* com 100% das ocorrências, 4, para o recurso disfemizado; 1 em *Russas*, com 100% das ocorrências, 8, para o recurso eufemizado; e 1 em *Sobral*, com 100% das ocorrências, 7, para o recurso disfemizado), e 1 nocaute no grupo de fatores *Nº de variantes usadas* no fator mais de 3 vezes, com apenas 1 ocorrência para o recurso eufemizado.

Desprezamos os nocautes e mantivemos o número total de ocorrências, então, o programa estatístico selecionou um total de 78 ocorrências, 26 para o recurso eufemístico e 52 para o recurso disfemístico, como mostra o gráfico 3.

**Gráfico 3.** Frequências obtidas para o fator eufemístico na amostra



**Fonte:** Elaboração própria

O gráfico 3, a partir dos dados estatísticos, indica que, na amostra analisada, os informantes, em sua grande maioria, usam com mais frequência termos *disfemizados*, com 66,70% das ocorrências totais, em detrimento de termos *eufemizados*, 33,30% das ocorrências. Essas frequências de uso refutam a tese inicial de que “a comunidade pesquisada vai usar de recurso linguístico para eufemizar as palavras tabus na amostra analisada”.

Esses resultados nos levam a refletir sobre o termo tabu *como* na comunidade pesquisada, essa conhecida pelo humor do povo, esse divulgado a partir de programas humorísticos e seus representantes, pois, de acordo com Preti (1984, p. 2), “muitas dessas unidades consideradas proibidas passaram a integrar músicas, roteiros de televisão e legendas de filmes, por exemplo”.

Ademais, percebemos que o tema traição amorosa permeia o cancionário brasileiro, principalmente em músicas populares e consideradas cafonas, ou bregas, nas quais a principal personagem retratada está ambientada na temática do homem traído, principalmente nas músicas de artistas como Reginaldo Rossi, Amado Batista e o artista cearense Falcão, que lançou, em 1999, um disco intitulado “500 anos de chifre: o brega do brega”, um álbum conceitual em torno da temática do adultério.

Então, podemos inferir que a variante tabu *como* vem se tornando um termo a serviço do riso, perdendo, assim, sua força enquanto termo proibido em razão da sua aceitação, passando a um registro marcado pela liberdade de expressão. De acordo com Paes (1996), o uso indiscriminado do palavrão, tabu, leva-o à perda de sua força enfática. E ainda, como afirma Borba (2003, p. 32), “O grau de ofensa expresso pelo insulto depende da intimidade das pessoas implicadas, do nível de educação e traquejo social, das circunstâncias”.

Entendemos, ainda, que o uso do termo *como* no humor e na musicografia acaba por publicitar mais a figura feminina, representada como uma mulher sedutora, devassa, envolvente, que tem por prazer arrasar os homens que por ela se apaixonam, situação que favorece a figura masculina, que acaba sendo acolhida e compreendida, enquanto a figura

- | Os tabus de decência na variação *cornu* e *chifrudo*, eufemizados e disfemizados, na fala cearense, a partir de dados do ALiB

feminina torna-se a vilã. Isso acaba incentivando, então, os estereótipos e promovendo uma educação sexista e machista.

Para essa rodada, em seu melhor nível de análise, *input* 0,271 e *significance* 0,019, o programa computacional selecionou os grupos de fatores *Nº de variantes usadas* e *sexo*, nessa ordem de importância, como relevantes para o uso de uma fala eufemizada, como demonstram as tabelas 4 e 5.

**Tabela 4.** Atuação da variável *Nº de variantes mencionadas* sobre o fator eufemizar na amostra analisada

Fator	Aplica/Total	%	Peso relativo
Uma vez	1/17	5,90%	0,135
Dois vezes	19/52	36,50%	0,584
Três vezes	5/8	62,50%	0,853

*Input* 0,271

*significance* 0,019

Fonte: Elaboração própria

Os números estatísticos apresentados demonstram que o fator *três vezes*, PR 0,853 e frequência 62,50%, favorece termos eufemizados, seguido do fator *duas vezes*, PR 0,584 e frequência de 36,50%. Quanto ao fator *uma vez*, esse se comportou como inibidor de termos eufemísticos. Esses números corroboram a hipótese de que “a variável *Nº de variantes mencionadas* favorece o uso de termos eufemizados”.

Podemos inferir, também, que se o entrevistado usar apenas uma variante (PR 0,135) para responder à questão 141, possivelmente ele usará um termo disfemizado, numa frequência de 1 para 17, ou seja, de cada 17 ocorrências só 1 foi de um dos termos eufemizados dado como resposta.

A tabela 5 apresenta o segundo grupo selecionado como relevante para a regra variável. Vejamos os resultados estatísticos.

**Tabela 5.** Atuação da variável *sexo* sobre o fator eufemizar

Fator	Aplica/Total	%	Peso relativo
Homem	8/37	21,60%	0,342
Mulher	18/41	43,90%	0,644

*Input* 0,271

*significance* 0,019

Fonte: Elaboração própria

A variável *sexo*, selecionada como segunda relevante para o uso de uma fala eufemizada, demonstra que as mulheres, com PR 0,644 e frequência de 43,90%, favorecem o uso do recurso linguístico para eufemizar, contrapondo-se aos homens que inibem o uso desse recurso linguístico, com PR 0,342, ou seja, deduzimos que, com PR 0,658, os *homens* favorecem o uso da forma disfemizada *cornô*.

Esses resultados estatísticos corroboram totalmente a hipótese de que “os homens vão usar com mais frequência o termo disfemizado *cornô*, enquanto as mulheres preferem usar termos eufemizados, como *chifrudo*”. A seguir, apresentamos as considerações finais para esta pesquisa.

### Considerações finais

Usando os pressupostos da Sociolinguística Variacionista, esta pesquisa objetivou descrever e analisar fatores extralinguísticos e linguísticos que condicionam a realização da variante *cornô* e o uso de uma fala eufemizada, em 12 cidades do Ceará, a partir de dados do ALiB. Assim, entendemos que os números estatísticos demonstraram que a variante *cornô* é a mais frequente na comunidade pesquisada, em detrimento de outras variantes, como *chifrudo*, *boi*, *marido traído*, *babaca* e etc.

Ademais, os resultados sugerem que a comunidade pesquisada não usa de recurso linguístico para eufemizar sua fala, portanto usa com mais frequência uma fala disfemizada e, entre as variáveis controladas, apenas o grupo de fatores *nº de variantes faladas*, no fator *uma vez*, favorece a aplicação do termo *cornô*, ou seja, quanto menos variantes são empregadas para definir “o marido traído”, maior a possibilidade de uso do termo *cornô*. Quanto ao uso de uma fala eufemizada, os resultados apresentados demonstram que as variáveis *nº de variantes faladas* (no fator três vezes e duas vezes) e *sexo* (no fator mulher) favorecem o uso do recurso linguístico que eufemiza a fala, logo, quanto mais variantes empregadas na fala do informante, maior é a probabilidade de a fala ser eufemizada.

Quanto às hipóteses iniciais desta pesquisa, testadas uma a uma, concluímos que a variável *nº de variantes faladas* favorece tanto o uso da variante *cornô* como o emprego de uma fala eufemizada, apresentando proporcionalidade, ou seja, o uso de uma variante favorece o termo *cornô*, disfemizada, e o uso de mais de uma variante favorece o uso de termos eufemizados, como *chifrudo*, *marido traído*, *boi*, entre outros. Já a variável *sexo* favorece uma fala eufemizada, apresentando as mulheres como as favorecedoras de uma fala eufemizada, ao passo que os homens inibem essa fala. Quanto ao grupo de fatores localidade, concluímos que as cidades pesquisadas não influenciam no uso do termo *cornô* e nem no recurso para eufemizar a fala.

- | Os tabus de decência na variação *cornu* e *chifrudo*, eufemizados e disfemizados, na fala cearense, a partir de dados do ALiB

A pesquisa possibilitou a confirmação de algumas das hipóteses iniciais, assim como a refutação de outras. Já no tocante à possibilidade de o fenômeno variável tratar-se de um caso de variação estável ou de mudança em progresso, os resultados estatísticos não nos levaram ao entendimento de Labov (1990), segundo o qual, em um processo de variação estável, os homens usam as formas não-padrão e, nos casos de mudança em progresso, são as mulheres que utilizam com mais frequência essas formas, e de Fischer (1958) que constata que as mulheres usam mais as formas de maior prestígio social em comparação com os homens, pois, concernente a tabus linguísticos, não há uma descrição clara de quais formas possam ser consideradas padrão, não-padrão, de maior ou de menor prestígio, pela literatura vigente. No entanto, defendemos tratar-se da concorrência e convivência pacífica das formas variáveis.

## Referências

ALMEIDA, L. de. **À guisa de uma tipologia para os tabus linguísticos** – proposta para um glossário. 2007. 193 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2007.

ARAÚJO, J. C. *Chats na web: a linguagem proibida e a queda dos tabus linguísticos*. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 8, n. 2, p. 311-334, maio./ago. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/b8b3TyThrrjyS7JNvyFCpJJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 abr. 2022.

AUGRAS, M. **O que é tabu**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

AZEREDO, J. C. de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Publifolha, 2010.

BENKE, V. C. M. **Tabus linguísticos nas capitais do Brasil: um estudo baseado em dados geossociolinguísticos**. 2012. 313 p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2012.

BIDERMAN, M. T. C. **Teoria lingüística: lingüística quantitativa e computacional**. Rio de Janeiro : LTC, 1978.

BORBA, F. da S. **Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia**. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

CARDOSO, S. A. M. da S.; MOTA, J. A. Projeto Atlas Linguístico do Brasil: antecedentes e estágio atual. **Alfa**, São Paulo, v. 56, p. 855-870, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/alfa/v56n3/a06v56n3.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2017.

CEGALLA, D. P. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 48. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

COSERIU, E. **O homem e sua linguagem**. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

FISCHER, J. L. Social Influences on the choice of linguistic variant. **Word**, n. 14, p. 47-56, 1958.

FIGUEROA, E. **Sociolinguistic metatheory**. Oxford: Pergamon, 1994. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/language-in-society/article/abs/esther-figueroa-sociolinguistic-metatheory-language-communication-library-14-oxford-pergamon-new-york-elsevier-science-1994-pp-ix-204-hb-4900-7800/BE4DAC47894B455C7733E6795E6FFF27>. Acesso em: 26 abr. 2022.

FREUD, S. **Totem e tabu e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

FREUD, S. **Totem e tabu**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2013.

GUEDALHA, C. A. M. Tabus linguísticos como motivação na formação de palavras no PB. **Working papers em Linguística**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 49-68, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2011v12n2p49>. Acesso em: 26 abr. 2022.

GUÉRIOS, R. F. M. **Tabus linguísticos**. 2. ed. São Paulo: Editora Nacional; Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 1979.

GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística Quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Editora Parábola, 2007.

HOUAISS, A. **Escrevendo pela nova ortografia: como usar as regras do novo acordo ortográfico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Publifolha, 2008.

- | Os tabus de decência na variação *cornu* e *chifrudo*, eufemizados e disfemizados, na fala cearense, a partir de dados do ALiB

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. Título original: Sociolinguistic Patterns.

LABOV, W. **The intersection of sex and social class in the course of linguistic change**. Language Variation and Change. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

ROCHA LIMA, C. H. da. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 7. ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia, 1962.

LUFT, C. P. **Dicionário prático de regência verbal**. 9. ed. 9 reimp. São Paulo: Ática, 2005.

LYONS, J. **Language and linguistics: an introduction**. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986. (Série Princípios).

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: HUCITEC, 2007.

MONTEIRO J. L. **Morfologia portuguesa**. 4. ed. rev. e ampl. Campinas: Pontes, 2002.

OLIVEIRA E SILVA, G. M. Visão de conjunto das variáveis sociais. *In*: OLIVEIRA E SILVA, G. M.; SCHERRE, M. M. P. (org.). **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: tempo Brasileiro, 1996. p. 335-390.

OTSUKA, D. Disfemismo. **InfoEscola** – Navegando e Aprendendo, 2010. Disponível em: <https://www.infoescola.com/linguistica/disfemismo/#:~:text=Disfemismo%20vem%20da%20palavra%20grega,para%20definir%20pessoas%20ou%20situa%C3%A7%C3%B5es>. Acesso em: 16 abr. 2022.

PAES, J. L. Propaganda e palavras. **Comunicação e Educação**, São Paulo: Ed. Moderna/USP, n. 6, p. 69-70, maio/ago. 1996.

PRETI, D. **A gíria e outros temas**. São Paulo: T. A. Queiroz/USP, 1984.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Freevale, 2013.

RODRIGUES, J. C. **Tabu da Morte**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. **Goldvarb X** – A multivariate analysis application. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: [http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV\\_index.htm#ref](http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref). Acesso em: 10 fev. 2022.

SANTOS, L. A.; PAIM, M. M. T. Menstruação na Bahia: um estudo em dois tempos distintos. **Sociodialeto**, Campo Grande, v. 6, n. 16, p. 219-260, jul. 2015. Disponível em: <https://silo.tips/download/menstruacao-na-bahia-um-estudo-em-dois-tempos-distintos-1>. Acesso em: 26 abr. 2022.

SILVA, A. de M. **Diccionario da Lingua Portugueza**. Lisboa: Tipographia Lacerdina, Tomos I e II, 1813.

ULLMANN, S. **A Semântica**. Uma introdução ao estudo do significado. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

VESCHI, B. **Etimologia de eufemismo**. ETIMOLOGIA-origem do conceito, 2020. Disponível em: <https://etimologia.com.br/eufemismo/>. Acesso em: 16 abr. 2022.

VILAÇA, M. G. da C. **Tabus linguísticos na publicidade brasileira**. 2009. 132 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

VILELA, M. **Estudos de Lexicologia do Português**. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.

- | Os tabus de decência na variação *cornu* e *chifrudo*, eufemizados e disfemizados, na fala cearense, a partir de dados do ALiB

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

XIAO, W. **O eufemismo e o disfemismo em português e chinês, na obra do Pe. Joaquim Gonçalves**. 2015. 92 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Interculturais Português-Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial) – Universidade do Minho Instituto de Letras e Ciências Humanas, Braga, Portugal, 2015. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/34271/1/Wang%20Xiao.pdf>. Acesso em: 02 maio 2021.

---

COMO CITAR ESTE ARTIGO: ALVES DE LAVOR, Cassio Murilio; VIANA, Raket Beserra de Macêdo; ARAÚJO, Aluiza Alves de. Os tabus de decência na variação *cornu* e *chifrudo*, eufemizados e disfemizados, na fala cearense, a partir de dados do ALiB. **Revista do GEL**, v. 20, n. 1, p. 9-32, 2023. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>

Submetido em: 16/03/2023 | Aceito em: 07/08/2023.

---